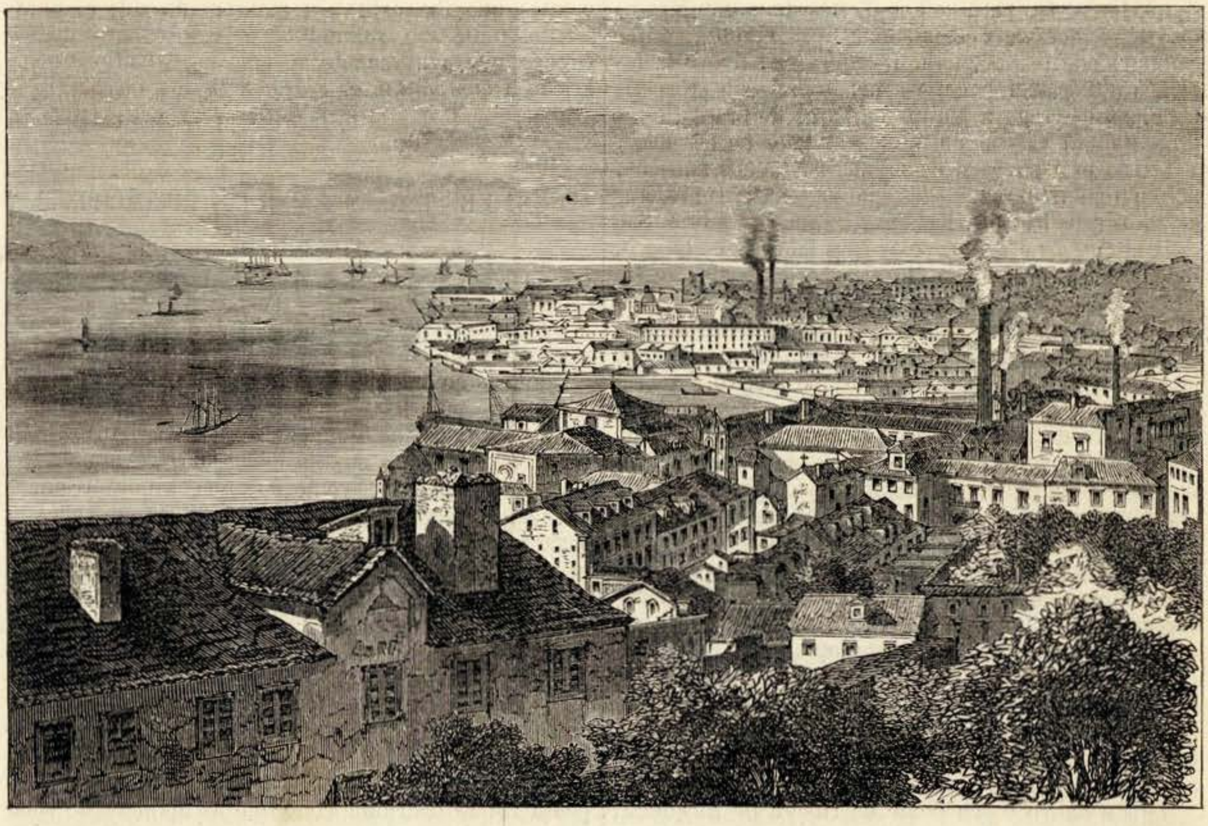


Vista de Lisboa do lado do oéste

Ha trinta annos a industria fabril apenas era representada em Lisboa, póde-se assim dizer, por algumas poucas fabricas creadas e sustentadas pelo estado. Existiam, é verdade, muitos outros estabelecimentos fabris espalhados pelo interior da cidade e pelos seus arrabaldes; porém nenhum avultava pela importancia do seu trafego, ou pela perfeição dos seus productos.

Agitou-se por esse tempo uma questão economica da mais alta transcendencia para o paiz. Tratava-se de nada menos que designar a vida ou occupação que convinha a Portugal. Uns optavam pela industria agricola, dizendo que uma nação, que a Providencia collocára em um paiz fertil, cortado de muitos rios, na maior parte, talvez, ainda inculto, e sob um ceo tão benigno, que a terra produz fructos de differentes regiões e de oppostos climas, devia ser, tinha obrigação de ser, essencialmente agricola. E accrescentavam que, não podendo Portugal entregar-se ás duas industrias em ponto grande, attenta a falta de braços e de capitaes, se pretendesse crear e desenvolver em larga escala a industria fabril, havia de fazel-o necessariamente á custa da agricultura.

Outros, vendo que a industria fabril era a feição mais proeminente d'este seculo; prognosticando, talvez, que ella seria em breve o mais poderoso elemento da civilisação: e a par d'isso, crendo que as nossas ricas provincias ultramarinas não tardariam a constituirem-se grandes mercados de consumo para os productos industriaes da metropole, opinaram em favor d'este ramo da industria.

Os propugnadores da opinião contraria sustentavam ainda as suas idéas, demonstrando a inconveniencia, e até perigos, de conceder demasiada protecção a um ramo da industria, deixando ficar o outro em uma situação tão precaria, pela falta absoluta de boas estradas, de bancos ruraes ou hypothecarios, de instrucção publica appropriada, e pelo atrazo dos processos e instrumentos de lavoira.

Entenderam os sectarios do systema protector fabril que a agricultura já tinha alcançado muito, e se devia contentar com a libertação da terra.

Prevaleceram, pois, estes ultimos. Coordenou-se e publicou-se em 1837 a nova lei da pauta geral das alfandegas, e com ella se inaugurou aquelle systema protector.

Surgiram, como por encanto, em todo o reino importantes emprezas fabris. Os capitaes, que se recusavam a fecundar o solo, fugindo de uma industria desprovida de credito e do favor dos poderes publicos, apressaram-se a vir em auxilio da industria que renascêra á sombra do privilegio. Os braços, já se vê, tambem correram para onde affluiam os capitaes, para onde davam ao seu trabalho melhor e mais certa recompensa.

Ninguem será capaz de calcular os prejuizos e atrazo que d'aqui provieram á agricultura. Entretanto, tambem é certo que, por muitos, difficilmente se avaliarão os beneficios que resultaram para todo o paiz da affluencia de dinheiro nacional e vindo de fóra, destinado exclusivamente a dar impulso á industria fabril.

Portanto, seja qual for a opinião que n'aquella controversia tivesse do seu lado mais e melhores razões, é certo que as theorias vieram para o campo da prática, e essa prática representa um facto consummado, que é mister não sómente acceitar, mas tambem respeitar, sempre de accordo, se entende, com os interesses geraes do paiz, e com as verdadeiras regras da economia politica.

Em poucos annos, pois, encheu-se o reino de fabricas. O Porto tornou-se um grande centro industrial;

e Lisboa, que empunhára outr'ora o sceptro do commercio do mundo, e que, depois que lhe caíra das mãos, parecia não aspirar a mais que aproveitar a sua excellente situação geographica, e a vastidão do seu bello porto, para colher d'estes dons naturaes as maximas vantagens commerciaes, principiou a figurar como cidade manufactora. E hoje a sua industria fabril, variadissima e em via de progresso e prosperidade, dá emprego a muitos milhares de braços, e representa um capital de muitos milhões de cruzados.

Lisboa está povoada de muitas e grandes fabricas; porém tem tres localidades que se podem considerar como os seus tres districtos essencialmente fabris. São estes *Xabregas* e *Beato*, pelas suas fabricas do tabaco, de fiação, de sabão, de clarificação de azeite, de farinhas, bolacha, e outras; *Boa-Vista*, pelas suas fundições, serralherias, fabrica do gaz, de apparelhar madeiras, etc.; e, finalmente, *Alcantara* e *Calvario*, que dá assumpto á nossa gravura, e motivo para escrevermos estas linhas.

O bairro de Alcantara está situado na extremidade de oéste da capital. Dizemos na *extremidade* por acatamento á lei, que, em contrário do que se pratica em todas as capitaes do mundo, que no seu crescimento vão absorvendo as povoações visinhas, retalhou Lisboa, separando-lhe membros, que naturalmente se lhe tinham unido, e que estavam por lei anterior encorporados n'ella. Sem embargo das razões com que se pretendeu justificar a medida, antolha-se-nos, e afigura-se tambem a muita gente, como um absurdo egual ao que se viu no reinado de D. João v, quando este soberano teve a louca phantasia de dividir Lisboa em duas cidades, oriental e occidental, cada uma com a sua diocese.

Tira o bairro o seu nome da ribeira de Alcantara, que, depois de passar por baixo do aqueducto monumental das Aguas Livres, vem entrar no Tejo junto do forte tambem chamado de Alcantara, hoje desmantelado, mas que antigamente formava o extremo de oéste da linha de defesa da cidade, traçada durante a guerra da restauração de 1640.

A ribeira de Alcantara, ao approximar-se do Tejo, corre no fundo de um estreito valle, apertado de uma parte pela serra de Monsanto, e da outra por altas e escarpadas brenhas, sobre as quaes se estendem, na direcção de norte ao sul, *campo de Ourique*, o *cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres*, e a *real quinta e paço de Nossa Senhora das Necessidades*.

Nas margens, pois, d'esta ribeira, ao longo do valle, ou proximo d'elle, acham-se a real fabrica da polvora, uma grande fabrica de fiação e tecidos, e varias outras de cortumes, estamparia, etc.

Porém, os estabelecimentos mais importantes da localidade são os que se vêem junto á foz da ribeira, e os que se erguem a pouca distancia d'ella, caminhando para oeste, e proximo do Tejo, no sitio chamado *Calvario*. Alli estão a fabrica de azeite de purgueira, do sr. Burnay, e a de sabão, velas de stearina, e de diversos oleos, do sr. visconde da Junqueira; aqui a fabrica de extracção de oleos, da companhia *Lisbon Oil Mills Limited*, a fabrica da *Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense*, e a fabrica de tapetes e outros lanificios, do sr. Bernardo Daupias & C.ª

São cinco grandes estabelecimentos industriaes, dos primeiros, certamente, não só de Lisboa, mas do reino. Estão muito bem organisados, possuem boas machinas a vapor, empregam centenares de operarios de ambos os sexos, e tem conseguido aperfeiçoar os seus productos de modo que, apesar de um grande movimento fabril, são consumidos rapidamente no paiz.

A nossa gravura, cópia de uma photographia, mostra no primeiro plano uma pequena parte do bairro de Alcantara; depois o sitio do Calvario, parecendo formar um cabo, e mediando entre ambos a enseada do Tejo, onde vem desaguar a ribeira de Alcantara; por cima os arvoredos da quinta do sr. marquez de Sabugosa, e da real tapada da Ajuda; á esquerda o Tejo com a extremidade occidental da cordilheira de montes que lhe debrua a margem do sul; e, finalmente, o Oceano confundindo-se com o horisonte. O edificio que avulta mais no sitio do Calvario é a fabrica da *Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense* [1].

I. DE VILHENA BARBOSA.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE INSTRUCÇÃO PUBLICA

(Vid. pag. 11)

II

Depois de termos restabelecido, ao que nos parece, a verdade no que diz respeito ás causas que produzem o anniquilamento moral do nosso paiz, depois de termos prestado justiça aos governos, sempre accusados de todos os males, quando raras vezes os podem sanar não tendo o auxilio efficaz dos governados, é justo que mostremos como os homens que presidem aos nossos destinos, tem concorrido tambem pela sua parte para que as coisas continuem no estado em que se acham, como os governos tem sido complices do nefando crime que se está perpetrando, em pleno seculo XIX, á luz do sol da civilisação, perante a Europa muda de espanto, ou indifferente por desprezo.

Succedem-se os ministerios, mudam as côres politicas dos homens que nos governam, e não muda uma vez só o systema, não se acorda uma vez só do somno do desleixo. Distribuem-se as pastas ao acaso pelos cavalheiros que sobem ao poder, e ninguem pensa em as distribuir conforme as aptidões de cada um; portanto, não se estudam nem se podem estudar as questões, a machina administrativa continúa como até ahi, movida pelas costumadas molas, que ninguem se dá ao trabalho de contemplar para ver quaes os melhoramentos que n'ellas se podiam introduzir. De vez em quando, um ministro, querendo fazer epocha, escreve a correr, ao canto do seu gabinete, uma reforma transplantada quasi sempre de uma nação estrangeira. Põe-se em pratica; os interesses lesados protestam, os interesses afagados approvam, e a nova machina, applicada ao regimen de um paiz que o fabricante nem conhece, porque não se deu ao trabalho de o percorrer e estudar antes de se fazer a reforma, não faz senão substituir uma por outra mola, o interesse de um pelo interesse de outro, e as coisas continuam no mesmo estado até que venha outro ministro, outra reforma, outra transformação... apparente; e o paiz caminha... como o boi á roda da nora.

Desculpem a trivialidade da comparação, mas não posso eximir-me a pensar que Portugal se está parecendo com um parasita que veste um dia a casaca de um amigo, e no dia seguinte a de outro, e que anda sempre a mudar de casaca sem ter uma só que lhe sirva, porque não chamou um alfaiate para lhe tomar medida, e não mandou fazer uma de proposito para o seu corpo.

A politica militante absorve em Portugal todas as intelligencias e todas as attenções. Que importa que o paiz caminhe á tôa por estes mares do progresso? Que importa que, dirigido sem cautela, vá a cada instante esbarrar nos bancos de areia, onde, se não se despedaça, perde, pelo menos, tempo e gasta as forças vitaes que o fariam voar pelo verdadeiro estadio da civilisação! Com tanto que as votações assegurem as existencias ministeriaes, com tanto que este ou aquelle ministerio assigne um decreto ôco e so-

[1] Vid. ácerca de Alcantara e Calvario, pag. 153 do vol. II, 177 do vol. V, e 22 do vol. VI.

noro, que tome desastradamente alguma medida reclamada pelo publico, que importa tudo o mais? Está inscripto o nome dos salvadores da patria no livro da immortalidade. Os reformadores cumpriram a sua missão, deram mais uma pincelada de cal n'este sepulchro, branqueado por fóra, cheio de vermes e podridão por dentro, que se chama civilisação portugueza.

E, entretanto, em Inglaterra estudam-se infatigavel e incessantemente essas questões que os nossos estadistas resolvem com uma pennada, procuram-se accommodar as instituições á indole d'aquelles para quem são feitas, milhares de intelligencias se occupam em descobrir o modo de conciliarem os interesses do povo com a sua instrucção, de tornarem a eschola attractiva d'esta ou d'aquella maneira. Tentam-se as experiencias, espera-se com anciedade o resultado d'ellas, emendam-se os defeitos que se reconheceram, desenvolvem-se as qualidades praticas que se notaram, trabalha-se, em fim, estuda-se porque só d'esse modo póde o Hercules da civilisação esmagar as cabeças sem cessar renascentes da hydra de Lerna da ignorancia.

E o que se faz entretanto no nosso paiz? Cria-se uma eschola normal. Admiravelmente! Nada mais util, nem mais bem pensado! Confia-se a educação d'essa eschola normal a um homem intelligente e estudioso, que a organisa optimamente. Cada vez melhor! E depois aos alumnos d'essa eschola normal, tão bem fundada e tão util, aos homens que se deve suppor que sáem perfeitamente no caso de cumprir a alta missão que lhes incumbe, a esses homens dá-se um ordenado infimo, entrega-se uma casa pessima, que se chama eschola regia, e diz-se: «Ide, apostolos da civilisação, morrer á custa do governo para uma aldeola, onde não haverá tres familias que queiram dar a seus filhos a educação elementar».

E, satisfeitos, ufanos com o que fizeram, os émulos de Pombal, que não percebem como se possa taxar de arduo e difficultoso o governo de um paiz, estiram-se orgulhosos no divan da indolencia, e intimamente convencidos de que fizeram tudo quanto era possivel a prol da instrucção da sua patria, voltam a sua attenção para as questões politicas, vôam ao campo das votações, tratam de firmar os tibios, de attrahir os adversarios, de recompensar os fieis, e nem querem saber mais do resultado d'essas medidas, certos como estão de que o paiz, impellido pela sua mão vigorosa, já deve estar muito adiante da França e da Inglaterra, e de que, graças á sua iniciativa, já não ha em Portugal nem um montanhez sequer que esteja privado da instrucção primaria.

Infelizmente não succede assim; o paiz não deu um passo só, a instrucção não conquistou uma só pollegada de terreno.

Nós, que não somos ministros, que não temos, por conseguinte, que ir assistir ás votações e ás reuniões das maiorias, sigâmos o pobre professor, habilitado pela eschola normal, na sua triste peregrinação.

O mestre-eschola tomou posse, abriu a aula, convidou as familias a mandarem lá seus filhos, mas o trabalho das crianças rende mais á familia do que a sua instrucção, a eschola tira tempo, á eschola é necessario ir-se vestido com uma tal qual decencia. *Ergo* diminuição de receita por um lado, augmento de despeza por outro. O rude trabalhador, que não percebe os beneficios da instrucção, e que se quer ver auxiliado no seu labutar quotidiano, nem sequer hesita. Filho seu não põe pé na aula.

Por outro lado o professor, que não póde litteralmente viver com a magra fatia de pão que recebe do governo, procura ganhar a sua subsistencia por outra fórma. Os Cresos da aldeia, que não gostam de despender muito dinheiro com a educação dos filhos, educação que suppõem muito sinceramente inutil, e cujos encargos não acceitam senão por comprazer com a moda, pulam de contentamento vendo chegar um professor habil, intelligente, e que lhes sae barato. Se o governo lhe dá uns certos honorarios, não póde deixar de ser na intenção de poupar alguma despeza aos grandes contribuintes. Pois se não fosse para isso, para que havia de ser? Logo, com uma pequena retribuição que o mestre regio acceita satisfeitissimo, e que outro qualquer não poderia acceitar porque não tem, como aquelle, ordenado do governo, o opulento proprietario tem certa a primeira educação dos seus herdeiros. Os poucos filhos de gente pobre que frequentam a aula, e que não tem, como os alumnos pagantes, os mesmos direitos á attenção do professor, vão ou não vão á aula, sem que este dê por tal, aprendem a jogar a pedra no largo, e fazem rapidos progressos n'esta arte, até que os paes, convencidos de que os pequenos não fazem senão perder tempo sem lucrarem instrucção, seguem o exemplo de todos os outros, e aproveitam o trabalho das crianças, em vez de as educarem á custa do seu proprio trabalho.

Por fórma que o mestre regio, habilitado pela eschola normal, não conseguiu senão matar a concurrencia dos professores particulares.

É ou não a civilisação portugueza como o sepulchro da parabola de Jesus?

E o governo entretanto o que faz para obviar a estes inconvenientes? Procura algum meio de obrigar as familias a educarem seus filhos? Estuda a maneira de tirar o menos tempo possivel ás crianças com os trabalhos da primeira instrucção? Obriga os fabricantes a não receberem aprendizes, os particulares a não receberem criados que não tenham apresentado um attestado de frequencia das escholas? Procura por outro lado tornar a eschola attractiva para as crianças, a fim de que ellas não se tentem a desperdiçar em brinquedos o seu tempo tão necessario a seus paes?

Deixemos sem resposta estas perguntas terriveis.

Ha em Portugal uma grande intelligencia, um prestantissimo cidadão que sacrificou á sua patria uma grande parte do seu tempo, dos seus haveres e da sua gloria. Privou-se de uma porção dos loiros que lhe enramariam a lyra quatorze annos ociosa, do oiro que lhe renderiam as suas obras litterarias tão procuradas por todos, para contribuir, quanto podesse, para a resolução d'esse grande problema que interessa não só a patria, mas a humanidade. Trabalhou por descobrir um methodo que ampliasse a instrucção elementar, simplificando ao mesmo tempo o ensino, que diminuisse o tempo empregado em adquiril-a gravando-a ao mesmo tempo mais fundo no espirito das crianças, que aformoseasse a eschola e a tornasse, em vez de inferno, paraiso, em vez de carcere que afugentasse as crianças, florida alfombra que as attrahisse. Conseguindo isto, estava resolvido o triplice problema. Estava simplificado o trabalho do mestre, quasi destruida a reluctancia dos paes, transformada em engodo a negação das crianças para o estudo. Conseguiu-o, com o *Methodo Portuguez*, o nosso grande poeta Antonio Feliciano de Castilho.

Se o auctor do *Amor e Melancolia* tivesse nascido em Inglaterra, parochias, particulares e governo consideral-o-hiam como o novo redemptor das classes proletarias, erigir-lhe-hiam estatuas, coroal-o-hiam de loiros, disputal-o-hiam uns aos outros os condados, desejosos de o possuirem, multiplicar-se-hiam por todo o territorio do Reino-Unido as escholas do seu methodo. Em Portugal deixam jazer n'um canto essa grande alavanca do progresso, como os selvagens ignorantes do Brasil amontoavam no fundo das choças as pedras preciosas, cujo valor desconheciam.

Já vêem que tudo conspira para que Portugal fique eternamente patinhando no charco da inercia. Os particulares olham com suprema indifferença para os ma-

les do paiz, e esperam tudo do governo; o governo julga ter cumprido a sua missão fundando uma eschola normal e decretando a creação de aulas de instrucção primaria!

Deixemol-os comprazer-se na sua obra, folgar com o modo por que julgam ter cortado este nó gordio, e vamos a ver compassivamente como a nação, que se diz mais adiantada da Europa, se está ainda debatendo com difficuldades que aqui nem se suspeitam.

Servir-nos-ha de guia o grande publicista francez, Luiz Reybaud, n'um optimo estudo dado á luz na *Revista dos dois Mundos* sobre a instrucção primaria na Inglaterra.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

CASA DE CORRECÇÃO EM S. PAULO

O codigo criminal brasileiro, promulgado a 16 de dezembro de 1830, dá incontestavel testimunho do saber dos legisladores de então, e se não satisfaz já as exigencias da sciencia moderna, está ainda a par dos melhores codigos penaes dos tempos hodiernos. Entretanto, a necessidade de attender ao elemento heterogeneo da escravidão, que, por infelicidade nossa, é ainda a chaga mais viva e profunda da sociedade brasileira, fel-o romper com o preceito constitucional da egualdade na punição, e baratear a pena de morte, de galés e de açoites, unicas applicaveis aos escravos por direito patrio, e sem dúvida, sobre tudo as de açoites e galés, as mais immoraes de todas as penas. Na penalidade estatuida para os delictos communs da população livre seguiu o codigo as idéas do tempo. Além da pena de morte, prevista para poucos casos, e das de multa, degredo e desterro, constituem a base da penalidade, em nossa legislação criminal, a prisão simples ou com trabalho, e a pena de galés, essa enorme profanação do pudor, dos brios, e de todos os sentimentos de honra do coração humano.

Ao generoso impulso que ás idéas de reforma de prisões e do systema penal deram os fundadores das penitenciarias de Milbank e Glocester, na Inglaterra; de Gand, em Flandres; de Valnut-Street e Cherry-Hill, na Philadelphia; e de Anburn, no estado de Nova-York, não podiam ficar insensiveis os nossos legisladores de 1830, versadissimos que eram nas sciencias sociaes e juridicas, do que já haviam dado boa prova em 1824 com a construcção do grande monumento da constituição do imperio, o mais perfeito deposito que eu conheço da sciencia politica dos nossos tempos. O artigo 49.° do codigo penal dispõe que a pena de prisão com trabalho seja substituida pela de prisão simples, com o accrescimo da sexta parte do tempo, em quanto se não estabelecerem prisões com as commodidades e arranjos necessarios para o trabalho dos réos; e o artigo 311.° substitue a pena de galés temporaria pela de prisão com trabalho pelo mesmo tempo, logo que haja casa de correcção nos logares em que os réos estiverem cumprindo as sentenças.

Estas disposições revelam que o legislador não desconheceu as vantagens do systema penitenciario, e facilitaram, independente da reforma da lei penal, a instituição das novas casas de correcção. Permaneceu, todavia, na legislação o defeito de reputar o trabalho, esta santa lei da creação, na phrase de um escriptor, não como medida de correcção moral e de regeneração do culpado, senão como simples meio de aggravação da pena de prisão, ficando assim exautorado do seu caracter, e da benefica influencia que exerce na vida e nos destinos do homem. Por outro lado, a substituição da pena de galés pela de prisão com trabalho, nos logares unicamente em que houvesse casa de correcção, destruiu a uniformidade da punição, vindo-se assim a applicar ás mesmas hypotheses penas differentes conforme os logares, ora a de galés, ora a de prisão com trabalho na penitenciaria, pena esta muito mais moralisadora do que aquella, porém certamente mais grave, porque está provado que, sob o regimen do isolamento e do silencio, não ha condemnado que supporte mais de quinze annos de reclusão, maximo este adoptado pela sábia commissão do novo codigo penal portuguez em 1861. Quando o celebre Franklin, e todos os generosos promotores das reformas das prisões, tentaram os primeiros ensaios n'este sentido, tiveram sempre em vista, como complemento indispensavel do systema, a reforma das leis penaes; e ainda hoje os esforços que fazem os amigos da humanidade para realisarem, no typo da prisão com trabalho, a tão suspirada unidade da pena, base essencial para a medida da penalidade proporcional aos differentes delictos, suppõem indubitavelmente a reforma harmonica e completa dos codigos existentes.

Apesar dos inconvenientes apontados, inseparaveis talvez dos primeiros passos que dá um paiz novo, de poucos recursos financeiros, e de pequena população derramada por territorio immenso, ao tentear a estrada, impossivel de abrir-se de uma feita, do melhoramento de suas instituições, é forçoso convir, entretanto, que algum progresso hemos tido no systema das nossas instituições penaes, assim como em tantas outras politicas e administrativas. A pena de morte rara vez é imposta pelo jury, e quasi nunca executada, porque raro é que a clemencia imperial não ampare com o poder moderador, o desgraçado que não mereceu a commiseração dos tribunaes. Para o concerto e melhoramento successivo e hygienico das prisões publicas attendem com desvelo as assembléas e os presidentes de provincia. E já na corte, e em duas provincias do imperio, se estabeleceram casas de correcção, onde os condemnados são sujeitos a um regimen de punição muito mais benefico e moralisador, do que o são o d'essas sentinas do vicio e do crime, a que se dá o nome aspero e desacreditado de cadeias.

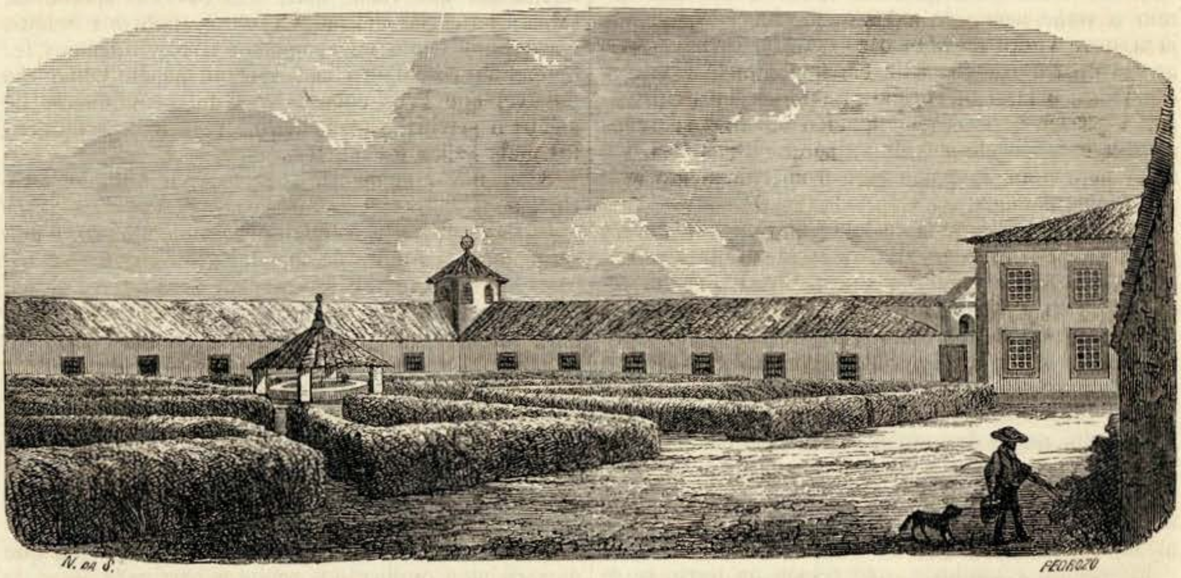
A penitenciaria da cidade de S. Paulo foi construida segundo um plano de Power, director das prisões do Sing-Sing, nos Estados Unidos da America, que vem annexo á excellente obra de Baumont e Tocqueville, sobre o systema penitenciario d'aquelles estados. É um vasto edificio, situado em uma das extremidades da cidade, no mais aprazivel e delicioso dos seus bairros, denominado da Luz, assim chamado pelo recolhimento d'esse nome, onde o venerando fr. Galvão deixou indelevel a memoria de sua vida santa, e para onde, á festa annual de Nossa Senhora, se escoa grande parte da população da capital. O edificio foi levantado em um vasto quadrado, cercado de altos e grossos muros, e disposto em fórma crucial, contendo cada raio quarenta e duas prisões cellulares e um corredor central, espaçoso e claro, por onde os guardas internos exercem constantemente a mais severa vigilancia. A nossa estampa, tomada de um dos angulos do quadrado, representa, á direita, parte da casa, de singela architectura, que serve de residencia do director e da secretaria do estabelecimento, situada á frente do edificio, a poucos passos do elegante portão da entrada; no centro, dois raios da penitenciaria, em cuja convergencia campeia uma alta claraboia; no plano inferior apparecem os jardins da casa, de aprimorada cultura, de roseiras entretecidas á guisa de cêrcas. Ao lado esquerdo da estampa demora o logar das casas das officinas. Por baixo da claraboia, no ponto central dos raios da penitenciaria, fronteira a cada um dos grandes corredores, ergue-se uma escadaria circular, cuja base serve de peanha ao altar portatil, em

que, aos domingos e dias santos, se celebra o santo sacrificio da missa, e d'onde os reclusos ouvem a palavra regeneradora da prédica, proferida com tanta eloquencia por um dos nossos mais notaveis oradores sagrados, o reverendo arcipreste da sé, conego Joaquim Anselmo de Oliveira.

O plano do edificio não foi integralmente executado. Por deliberação da assembléa legislativa da provincia supprimiram-se os andares superiores, que podiam completar duplicado numero de cubiculos. Além d'esta alteração, suggerida certamente por principios de economia, outras se fizeram ao plano por motivos de ordem e de symetria, como a collocação da enfermaria e as prisões correccionaes, escurissimos ergastulos, onde por horas se recolhem a pão e agua os presos infractores da policia do estabelecimento, e d'onde, no afogo do soffrimento, imploram logo a misericordia do director, que aliás nunca se faz esperar.

A penitenciaria foi inaugurada de 1851 para 1852, pelo systema denominado de Auburn, isto é, com isolamento no repouso e trabalho em commum sob a regra do silencio, aliás difficil de manter em taes condições. O trabalho industrial consiste por ora no das officinas de funileiro, serralheiro, sapateiro, alfaiate, marceneiro, de encadernação de livros, e de trançadores de palha para chapeos, já muito aperfeiçoada. Ha demais no estabelecimento uma eschola de primeiras letras para os condemnados analphabetos. Não lhes devia, por certo, faltar o pão do espirito.

A receita da casa, sujeita á variação dos productos, tem em alguns mezes attingido á verba de 1:600$000 réis, o que entretanto não isenta o estabelecimento



Casa de correcção na cidade de S. Paulo, imperio do Brasil

de constantes *deficits* mais ou menos avultados. Se isto acontece na parte puramente economica, de ordem sem duvida secundaria, outro tanto não succede na parte repressiva e moral. A correcção e regeneração dos condemnados tem-se manifestado por modo inequivoco, pois que de mais de cento e trinta e tantos que saíram da penitenciaria por cumprimento de sentença, apenas voltaram tres reincidentes, e esses julgados por crimes não capitaes. Tão vantajosos resultados são principalmente devidos á intelligente e zelosa administração do illustrado director da penitenciaria, o coronel Francisco Antonio de Oliveira, varão de eminentes qualidades, de grandes creditos entre nós, e de assignalados serviços ao paiz. Tão certo é que sem boa execução não ha leis nem instituições que prestem.

Ha poucos dias ainda que visitámos o estabelecimento. Ao entrarmos nas officinas com o digno director e um amigo intimo que nos acompanhava, ficaram os reclusos com os braços cruzados em signal de respeito, e começámos a examinar as obras de arte dos condemnados, entre as quaes encontrámos várias do mais perfeito lavor. Dentro em pouco soaram as cinco horas, que são as do recolher no estabelecimento, e retiraram-se em fileira das officinas aquelles desgraçados, tomaram em caminho um tarro de cangica, ultima refeição do dia, e dirigiram-se, com andar pesado e fronte abatida, para o corredor das prisões. Ahi, depostas as malgas e formados em fileira, repetiram de mãos postas e a meia voz o Padre Nosso, a Avè Maria e Salvè Rainha, que um dos guardas internos rezava com elles. O sol de uma das nossas mais lindas tardes de verão atufava-se pelas serranias do horisonte, e banhava de luz aquelles rostos amortecidos pela reclusão, e contrahidos pela penitencia. Parece que gemendo e chorando proferiam esses coitados a eloquente e sentida imprecação que o espirito do christianismo soube elevar á misericordiosa Mãe de todos os homens. Terminada a oração, recolheu-se cada um ao seu cubiculo, e ahi, ermando com o crime commettido, preparam-se para passar a longa noite na solidão, que devia ser quebrada apenas pelos passos vagarosos dos guardas nos corredores, ou pela grita extensa da sentinella que velava a horas mortas. Então aquellas palavras santas das orações da tarde lhes haviam de coar uma por uma pela fronte pendida, e o doce e profundo conforto da religião teria de ser o unico balsamo para esses corações tão duros outr'ora, e tão opprimidos hoje. Oh! o crime deve necessariamente inspirar piedade, porque o crime é sempre uma desgraça!

S. Paulo, 8 de janeiro de 1865.

DR. M. A. DUARTE DE AZEVEDO.

Não louvâmos muito a homens que dão razão de toda a historia grega e romana, e se lhes perguntaes pelo rei passado do reino em que vivem, não lhe sabem o nome.

BARROS.

A natureza, o tempo e a paciencia, são os tres grandes medicos do mundo.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(CONTO CÔR DE ROSA DE ANTONIO DE TRUEBA)

REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER

(Vid. pag. 14)

IV

Havia quatro mezes que se realisára o consorcio de Antonio de Molinar com Feliciana.

Era um dia de dezembro. Estavam cobertos de neve, que lhe caíra de noite, os montes e o valle. Sentiam profundissima alegria os habitantes de Cabia quando, ao abrirem as janellas, se encontravam com aquella novidade.

Em que consiste, me perguntaram muitas vezes, a satisfação interior que sentimos quando principia a *trapear*, verbo com que nas Encartações substituiram o verbo *nevar* de todos os diccionarios, quando já a neve vestiu de branco os campos, os telhados e as arvores? Deve consistir em que a neve é branca e amâmos o branco, porque prefere perder a existencia a perder a pureza; e quando amâmos sentimos alegria e felicidade na alma, porque Deus nos deu alma para o amor, e não para o aborrecimento nem para a indifferença.

Era terrivel a nevada, e tanto que quando André, rapaz da pelle do demonio, que entre outras graças tinha a de fazer fallar os sinos, segundo corria em Cabia, subiu á torre para tocar a matinas, encontrou tal quantidade de neve em torno dos sinos que teve pelotas de gêlo para bater toda a manhã, do alto da mesma torre, a quantos se aproximavam do adro da egreja.

Antonio, assim que ouviu tocar a matinas, ergueu-se da cama e assomou á janella do quarto em que dormiam elle e sua mulher; mas, apenas chegou, enorme pelota de neve, expellida da torre, desfez-se-lhe no rosto fazendo-lhe ver as estrellas.

Estrepitosa gargalhada, que resoou na torre, revelou a Antonio quem era o auctor d'aquelle gracejo.

Feliciana estremeceu pensando que ia rebentar espantosamente a colera do marido, e quiz levantar-se da cama para se apoderar da espingarda que havia no quarto antes que Antonio fizesse uso d'ella; mas Antonio contentou-se com responder á gargalhada de André com outra mais estrepitosa e alegre.

Lembrou-se então Feliciana com jubilo de que na vespera dos seus proclamas predissera Antonia que antes de findar o anno estaria Antonio mais macio que o veludo.

— Viste, Feliciana, que rapaz tão endiabrado? — disse Antonio sacudindo a neve e rindo cada vez mais.

— Fazes bem, meu amigo, em não te affligires...

— Para que me hei de amofinar, se me pozeram mais fresco que a alface?

— É um vivo demonio o André.

— O rapazete queria vingar-se da lição que lhe dei o anno passado por me atirar com um caroço de cereja.

— E bateste-lhe por isso?

— Por muito menos me teria então zangado...

— Eras bem mau...

— Não podia dominar-me, minha amiguinha; subia-me o sangue á cabeça...

— E por que te não sóbe agora?

— Nem eu sei, mulher! Sabel-o-has tu, por ventura; porque, desde que casei comtigo, tens imperado por modo tal que não tenho alma para matar um mosquito.

— Cala-te, cala-te, enganoso: alguem dirá que te lancei uma cadeia...

— Lançaste-m'a, de certo; mas não foi de ferro, foi de flores...

— Anda, anda, lisongeiro; acaba-te de vestir e não estejas ahi a tomar frio.

— Qual frio... Já não ha frio, nem calor, nem trabalho, nem somno, nem sêde, nem fome, nem nada que me incommode em quanto me estimares... Quando se encontra a felicidade no carinho e no affecto, como se ha de aborrecer alguem!...

Fallando assim, Antonio, que se inclinára para o leito em que descançava a esposa, joven, rosada, formosa e resplendente pela felicidade que dão o amor santo e a consciencia tranquilla, deixou cair uma lagrima de alegria e reconhecimento sobre o rosto de Feliciana.

E a nobre e amante esposa levantou os braços e enlaçou o collo do marido, misturando as suas lagrimas de felicidade com as de Antonio.

Feliciana e Antonio eram rusticos e ignorantes; sabiam apenas que o mundo se estendia mais além das montanhas que viam; mas, sem havel-as aprendido, sabiam as coisas delicadas e puras, nobres e santas, que os que lemos ou compomos livros, julgâmos ter aprendido em alguns cadernos de papel. Como era possivel que Deus concedesse a uma combinação de signos o privilegio exclusivo de revelar os sentimentos mais bellos e santos!

Soou um mugido na abegoaria, e Antonio disse rindo:

— O Vermelho e o Galan pedem-me almoço, e tem razão, que ja é hora de lh'o levar.

— Eu tambem vou levantar-me para fazer o nosso.

— Ainda é muito cedo, filha. Conserva-te na cama, que faz muito frio, replicou Antonio carinhosamente.

— Não, que entristece a casa cozinha sem lume.

— Accendel-o-hei...

— Deixa-te d'esses trabalhos, que não são proprios de homens. Já me levanto.

O Vermelho e o Galan, dois bois como dois soes, tornaram a mugir, como dizendo:

— Vem o comer, ou não vem? Julga Antonio que as caricias á mulher nos enche a barriga?

Antonio subiu ao celleiro com um cesto: um bando de passarinhos, que se estavam alli fartando, fugiram espavoridos ao ver que os interrompiam no melhor do almoço; encheu o cesto com a ração, lançou-o ao hombro, desceu á abegoaria cantando, distribuiu a ração aos bois, e tornou a subir mais alegre do que descêra.

Feliciana accendêra fogo como a forja de uma ferraria, rodeára-a de optimos camoezes, e assava na grelha tres ou quatro talhadas de toicinho.

— Como cae neve! — exclamava Antonio com rosto prazenteiro e assomando á janella.

— Não admira, disse Feliciana, é o seu tempo. Brôa, batatas, fruta e toicinho temos, Deus louvado!

— E a proposito de brôa, vou preparar uma porção de milho, porque a ociosidade é a mãe dos vicios.

— Fazes bem; teremos assim alimento para a fornalha, e se vier o moleiro não esperará.

Antonio foi buscar um cesto com maçarocas das que estavam a seccar no celleiro, espantando de novo os passarinhos, que tornaram a fugir, dizendo talvez:

— Teima este homem em metter-nos sustos de modo que nos seja prejudicial o almoço!

Havia na cozinha um banco que tambem servia de mesa. Feliciana collocou-o ao meio da casa e cobriu-o com um branco guardanapo; poz-lhe em cima um prato com as talhadas de toicinho, e cercou este com fatias de brôa.

Em seguida, marido e mulher, dando cada gargalhada que se ouvia no campo, comeram o toicinho e a brôa com tanto appetite como se comessem perdizes e pão alvo.

Antonio deu graças a Deus pelo sustento que lhe

concedia, no que foi acompanhado pela mulher; esta depois levantou a mesa, tornou a pôl-a no sitio anterior, e foi tratar da casa e do jantar. Antonio foi debulhar o milho, operação mui simples para as pessoas do campo.

André continuava na torre a lançar pelotas de neve a quantos lhe estavam ao alcance.

— André, são já horas de tocar á missa! — lhe gritou a ama do sr. prior da janella da casa contigua á egreja.

André tangeu com primor os sinos, pois já disse que a sua habilidade n'este mister era tal que em Cabia, para exaltal-a, diziam todos que André, o filho do sacristão e mestre eschola, fazia fallar os sinos.

Quando estava bom tempo só iam á missa nos dias de trabalho Ambrosia e algumas anciãs, porque os demais habitantes da aldeia contentavam-se de encommendar-se a Deus nas casas onde trabalhavam ao ouvir o sino que annunciava o santo sacrificio; mas no dia a que me refiro succedeu outra coisa.

— Vou á missa, porque já não presta este meu trabalho, disse Antonio ao ouvir o sino.

— Iria eu tambem de boa vontade, accrescentou Feliciana, porém, se não vou, Deus me perdoará, porque tenho muito que fazer em casa.

— Tens razão, minha amiga. Como diz o sr. prior, muito bom é rezar, mas pela devoção não se deve deixar a obrigação.

Antonio dirigiu-se á egreja e encontrou-se no caminho com Ambrosia.

— Bons dias, Ambrosia.

— Bons dias, Antonio.

— Que mau tempo vamos tendo!

— Já é para desesperar.

— Para desesperar? Pelo contrario, a neve alegra o coração, e satisfaz os campos.

— Ó homem, não digas tontices!

— Valha-me Deus, Ambrosia, que sempre ha de vossemecê ter esse genio. Nada a contenta!...

— Pois eu havia de ser como vossês, que se parecem com os loucos!

— Por quê? Porque temos sempre o riso nos labios? Pois que Deus nol-o conserve.

— Sim, sim, deixemo-nos de conversação.

— Tambem já estão tocando a ultima vez.

— Tua mulher é que te apressa?

— Não, que não póde vir hoje á missa...

— Ella é já das da moda!... Ella...

Ambrosia não póde acabar a phrase, porque uma pelota de neve, expellida por André do alto da torre, lhe tapou a boca.

— Vem cá abaixo, gatuno! — gritou Ambrosia deitando fogo pelos olhos, e como que ameaçando a torre. Vem cá abaixo, vadio, que perderei o nome que tenho se não m'a pagares! Se tu és filho de maus paes!... Se tua mãe...

— Ambrosia! — exclamou Antonio indignado, tapando a boca com a mão á que talvez ia infamar publicamente a memoria d'uma mulher que já não existia. Ambrosia, respeite os finados!...

A ira de Ambrosia voltou-se contra Antonio.

— Infame! — gritou aquella mulher espinafre, em fórma de furia. Quem és tu para me tapar a boca? Vens tambem de má raça! Teu pae...

— Ambrosia, silencio! Antonio, caridade com as fraquezas do proximo! — exclamou o sr. prior da janella da sacristia, onde se estava revestindo para celebrar a missa.

Havia tão magestosa severidade na voz do sacerdote ao pronunciar aquella ordem, e tão persuasiva mansidão ao proferir aquella supplica, que Ambrosia se calou como aterrada, e Antonio recuperou de repente o socego que perdêra ao ver offendida a immaculada memoria de seus paes.

(Continua) BRITO ARANHA.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

Cedêra em fim el-rei D. Duarte ás repetidas instancias de seus irmãos, os infantes D. Henrique e D. Fernando, que pretendiam passar á Africa para tentar a conquista de Tanger.

A muito custo deu el-rei o seu consentimento, porque a peste e as passadas guerras tinham exhaurido o paiz de oiro e de gente; e os tempos iam tão apertados, que não davam opportunidade para se fazerem os apercebimentos que a empreza demandava. Por estas fortissimas razões o voto das pessoas mais entendidas e de melhor conselho era contrario aos desejos dos infantes. Porém o ardor marcial d'estes dignos filhos de D. João I, e as suas vivas solicitações, poderam mais que os dictames da politica, e mais que as vozes da prudencia.

Fizeram-se, pois, os aprestes que as circunstancias do estado permittiam. O dia aprazado para o embarque, esse dia tão desejado e tão demorado, chegou finalmente; era o decimo setimo de agosto.

N'essa manhã, o vasto templo da sé de Lisboa era estreito recinto para conter a affluencia de povo, que se apinhava e apertava sob as suas tres amplas naves. Toda a egreja trajava galas como em dia festivo. Os altares resplandeciam cheios de luzes; o aroma das flores misturava-se com as nuvens de incenso, que subiam ao throno do Santissimo; os canticos sagrados casavam-se em doce harmonia com os graves sons do orgão; e o bispo de Evora, D. Alvaro de Abreu, vestido em pontifical, cantava missa solemne, e entoava louvores e preces ao Deus dos exercitos pela propagação da fé christã, e bom successo da jornada de Tanger.

El-rei com os infantes, e toda a corte, acompanhados de immensa multidão de povo, oravam com devoção e fervor pela gloria das armas portuguezas.

Acabadas as ceremonias, dispoz-se uma apparatosa procissão, na qual o bispo celebrante levava na mão a bulla da cruzada, que o papa acabava de publicar contra os infieis. Adiante do bispo ia um cavalleiro, vestido com a sua cotta de armas, e empunhando a bandeira com a cruz de Jesus Christo. El-rei e os infantes, seus irmãos, e os officiaes-móres da casa real, e mais fidalgos, faziam parte do prestito.

Saíu da sé a procissão, encaminhando-se para a Ribeira, em frente da qual se achava a nau que devia transportar os dois infantes. D'ahi embarcou todo o prestito para bordo da nau, onde o bispo fez entrega ao infante D. Henrique do sagrado estandarte dos cruzados. Seguiram-se muitas orações e a ceremonia de absolvição plenaria, depois do que regressou á sé a procissão, menos os infantes, que não saíram de bordo, e el-rei, que os ficou acompanhando durante o resto do dia. E a nau e toda a frota levantou logo ferro, e foi fundear defronte do Rastello (Belem).

Quatro dias se passaram á espera de ventos favoraveis. Ao quinto, 22 de Agosto, aprouve a Deus conceder aos impacientes navegantes o tempo mais benigno e mais formoso que se podia desejar para o começo da viagem.

N'essa manhã, bem cedo, foi el-rei ouvir missa e orar a Santa Catharina de Riba-mar. Os infantes ahi se foram encontrar com seu augusto irmão, e juntos imploraram mais uma vez o favor e protecção divina para a ousada empreza que iam commetter.

Concluidas as suas devoções, foram todos para bordo. El-rei ia pensativo e pezaroso. No momento d'estas ultimas despedidas, passára-lhe uma nuvem negra pela alma, e opprimíra-lhe o coração terrivel pesadelo! A

nuvem era uma d'aquellas revelações instinctivas do coração humano, a que damos o nome de presentimento; o pesadelo era a responsabilidade, já quasi remorso, de ter auctorisado e disposto aquella partida contra o voto da maioria dos seus conselheiros, e com tão fracos meios de alcançar o rendimento de tão forte praça de guerra.

Jantou el-rei a bordo da nau.

Sentaram-se á mesa os reaes convivas sem proferir uma unica palavra, e por algum tempo todos foram mudos. Os infantes D. Henrique e D. Fernando, se bem que sentiam esta separação del-rei e dos outros infantes, seus irmãos, que muito amavam, tinham o animo tão alvoroçado com os seus projectos guerreiros; fervia-lhes tanto o sangue com o ardente desejo de illustrarem ainda mais seus nomes com brilhantes e novos feitos de armas; pintava-lhes a phantasia, através das sombras do futuro, tantas victorias, tão gloriosas coroas de loiro, que lhes trasbordava do coração mais alegria que pezar. E para a conterem no peito de modo que a não denunciassem n'aquella hora solemne das despedidas, recolhidos em si, não se atreviam a fallar.

O pobre rei D. Duarte, magoado pela saudade, mas ainda mais atormentado por serios cuidados e receios, revolvia na mente tudo quanto tinha ouvido no conselho contra a ida dos infantes. Os perigos e contradicções que ahi lhe tinham exposto, e que a rainha, sua esposa, movida dos rogos dos infantes, soubera com arte desvanecer, apresentavam-se agora ao seu espirito com vulto gigantesco e vivas côres.

Opprimido, pois, e levado d'estas idéas, quebrou el-rei o silencio para lembrar a seus irmãos quantos perigos podiam correr, elles e a sua empreza; e para lhes aconselhar o modo de se precaverem contra os desares, e o que lhes cumpria fazer se a fortuna os não ajudasse.

O jantar acabou triste, como principiára. O piloto entrou na camara a dar parte que a maré se adiantava, e era forçoso não demorar mais a partida. El-rei levantou-se então para fazer as suas ultimas despedidas. Foi uma scena curta, porém muito tocante. El-rei e seus irmãos apertaram-se em estreito e saudoso abraço. Os dois infantes, que se partiam, tinham os olhos arrasados de agua; mas, pelo rosto grave e melancolico de D. Duarte, deslisavam-se as lagrimas umas após outras, com tão sentida angustia, como se fosse este o derradeiro adeus que dava na vida aos irmãos, a quem tanto queria.

El-rei chamou ainda á parte o infante D. Henrique para lhe repetir as recommendações que lhe fizera á mesa; e não se contentando com isto, para que tivesse sempre presentes aquelles seus conselhos, deu-lh'os escriptos n'um papel, apesar de já levar o infante um extenso regimento, por onde se devia reger e guiar.

Apenas D. Duarte saíu da nau, toda a frota suspendeu ferro e desfraldou velas ao vento.

Era um dia tão lindo, estava o ceo tão puro, rolavam tão brandamente as ondas do Oceano, sopravam as brisas tanto á feição, que todos tomaram por agoiro de felicidades tamanha bonança e formosura de tempo.

D. Henrique e D. Fernando, depois de acompanharem el-rei até á embarcação que o devia conduzir a terra, foram para o castello de pôpa, e d'alli o seguiram com a vista. Os semblantes dos dois irmãos anuviaram-se então de tristeza.

D. Fernando, que pela primeira vez se separava da familia e da patria, chegou-se para D. Henrique, e, sem lhe dizer palavra, apertou-lhe a mão. Comprehendendo esta linguagem muda, o irmão uniu-o a si, como para o persuadir que teria n'elle segundo pae. E em quanto assim estavam absorvidos em pensamentos intimos, fugia-lhes a terra.

As praias de Rastello, a foz do Tejo, a serrania de Cintra, e mais tarde a da Arrabida, foram successivamente desapparecendo á vista dos nossos navegantes.

II

Ao quarto dia de uma prospera viagem (27 de agosto), surgiu toda a armada no porto de Ceuta.

Era perto do meio dia quando os navios deram fundo em frente da cidade. Já ahi acharam ancorada a frota que partira da cidade do Porto com tropa, sob o commando de D. Fernando, conde de Arrayolos, que ao diante foi o segundo duque de Bragança, e que na expedição dos infantes devia fazer o logar de condestavel.

D. Pedro de Menezes, aquelle bravo entre os mais bravos, que el-rei D. João, de *boa memoria*, escolhêra para primeiro capitão de sua primeira conquista na Africa, ainda governava a cidade de Ceuta. Mal distinguiu entre as innumeraveis bandeiras dos navios da frota o pavilhão real, que ondeava galhardamente, foi-se pressuroso o illustre capitão a bordo da nau almirante para saudar e receber os bem vindos filhos do rei seu amigo e seu companheiro de armas.

Ambos os infantes se alegraram muito ao vêl-o, porém o coração de D. Henrique pulsou com mais força porque este valente guerreiro, assim como a cidade que se estendia á sua vista, recordavam-lhe o principio da sua nobre carreira militar.

Desembarcaram, pois, os infantes, e logo foram direitos á egreja de Santa Maria de Africa, outr'ora mesquita, e por seu pae convertida em templo christão. Feitas as suas devoções, recolheram-se aos aposentos que lhes haviam sido preparados na cidade.

No dia seguinte foi-se buscar a bordo, com o mesmo ceremonial que em Lisboa, as duas bandeiras, da *cruzada* e del-rei. Foi o mesmo bispo de Evora, que tambem viera na armada, quem conduziu a primeira em procissão com um grande acompanhamento até á egreja de Santa Maria de Africa, onde ficou depositada, e n'essa noite velada pelo proprio bispo e mais clerezia.

Teve logar esta funcção de manhã, e de tarde passou o infante D. Henrique revista geral a todas as tropas da expedição. De quatorze mil homens que se alistaram em Portugal apenas seis mil haviam desembarcado nas praias africanas. Muitos tinham ficado no reino por falta de navios de transporte, porém muitos outros haviam desertado. Era a primeira vez, sem duvida, que se via desertarem portuguezes quando soava aos seus ouvidos o grito de guerra. Tão combatida fôra esta expedição, e tão impopular se tornára, que não duvidaram esquivar-se d'ella, fugindo tantos mancebos, n'uma epocha em que o fugir da guerra era considerado por todos como a maior vergonha e a mais aviltante deshonra.

Quando os mais experimentados capitães viram assim reduzido o exercito que se destinava ao assalto de uma praça tal como a de Tanger, cercada de fortes muros e defendida por uma guarnição que se reputava em mais de sete mil soldados, fizeram todas as diligencias para persuadir aos infantes que adiassem a empreza até obterem do reino novas reforços.

Não se dobravam, porém, assim facilmente os animos d'aquelles dois principes, que, educados na eschola das armas, afeitos a ver sempre a victoria por companheira inseparavel de seu bellicoso pae, julgavam de todos os perigos e difficuldades pela medida de seus desejos e pelo alcance de seu esforço. Portanto, o que era motivo na opinião dos mais prudentes cabos de guerra para se deferir o assalto, era no conceito dos destemidos infantes uma razão de mais para se dar com brevidade, pois que tanto maior sería a sua gloria, vencendo com diminutas forças tão formidavel inimigo.

(Continua)

I. DE VILHENA BARBOSA.